

ISTVÁN MÉSZÁROS: POR UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL

Dr. André Dionei Fonseca ☎ 0000-0003-0220-5117

Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

Me. Wilson da Silva Serejo ☎ 0000-0001-5277-425X

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar a contribuição do filósofo húngaro István Mészáros ao campo da educação a partir, especialmente, da obra *Educação para além do capital*, publicada em 2005. Pretendemos demonstrar, neste texto de caráter teórico, que, não obstante o fato de Mészáros não ter tomado a educação como tema central em sua vasta produção bibliográfica, há, na fortuna crítica desse autor, uma interpretação não só muito original sobre a educação como também incontornável, diante do grave quadro de crise estrutural do capital no século XXI. Para dar conta dessa

proposta, inicialmente, destacamos alguns aspectos da vida e do conjunto da obra de Mészáros que ajudam a entender o percurso intelectual que fundamentou as ideias desse autor sobre a esfera da educação. Por fim, tendo como base o livro *Educação para além do capital*, procuraremos demonstrar que o pensamento de Mészáros acerca da educação é, atualmente, um ponto de apoio imprescindível para a compreensão dos dilemas educacionais contemporâneos e a superação dos parâmetros dominantes de internalização do padrão de sociabilidade do capital.

PALAVRAS-CHAVE: István Mészáros; Educação; Capital.

ISTVÁN MÉSZÁROS: EDUCATION BEYOND CAPITAL

ABSTRACT: This article aims to present the contributions of the Hungarian philosopher István Mészáros to education, taking especially *Education beyond Capital*, published in 2005, as a starting point. We intend to demonstrate in this theoretical text that even though Mészáros has not focused on education as the main theme in his vast literature, the interpretation of education in his critical essays is not only very original, but also unavoidable in face of the huge structural crisis of the capital in the 21st Century. In order to approach this subject, we initially

highlight some aspects of the life and work of Mészáros which help to understand the intellectual path that underpinned his ideas about education. Finally, based on the book *Education beyond Capital*, we will try to demonstrate that the comprehension of Mészáros about education is, currently, a crucial supporting point for the understanding of the contemporary educational dilemmas and for the overcoming of dominant parameters of internalization of the pattern of sociability of Capital.

KEYWORDS: István Mészáros; Education; Capital.



1 ISTVÁN MÉSZÁROS E A CRÍTICA AO CAPITAL

István Mészáros (1930-2017) nasceu em Budapeste, Hungria, em 19 de dezembro de 1930, e ficou conhecido mundialmente pela produção de uma densa obra que tem em si um duplo projeto. Primeiro, o projeto intelectual, por meio do qual elaborou uma crítica contundente ao que ele denominava *sociometabolismo do capital*, assentado no tripé *capital, trabalho e Estado*, e a crise estrutural que lhe é inerente. Segundo, o projeto político, que insistia na atualidade histórica da revolução socialista como forma de superação do capital e de estabelecimento de uma sociedade verdadeiramente emancipada, um modelo-ação pautado pelo protagonismo dos agentes históricos diante dos sinais de falência do capital, e não pela *inevitabilidade* teleológica do socialismo, é importante que ressaltemos.

Por sua envergadura intelectual, na condição de autor conhecido mundo afora, é surpreendente a escassez de informações sobre sua trajetória pessoal e intelectual. Em língua portuguesa, quase nada temos, além de informações esparsas sobre sua vida; no universo da língua inglesa, embora muito aquém do que é de se esperar de um autor da relevância de Mészáros, o pesquisador ou leitor interessado no intelectual marxista húngaro terá um pouco mais de material à sua disposição, mas nada sistematizado em um estudo específico que permita um olhar mais minucioso sobre a história de vida do grande autor de *Para além do capital*, o que é mesmo de se lamentar.

O motivo dessa falta de um conjunto de dados robustos sobre a vida de nosso autor e também de estudos biográficos específicos é explicado por Terry Brotherstone em texto-tributo publicado após o falecimento de Mészáros. Relata Brotherstone (2018, p. 328) que, ainda no fim dos anos 1990, logo após a publicação do livro *Para além do capital*, Mészáros havia prometido realizar uma cuidadosa entrevista, na qual contaria em detalhes toda a sua trajetória pessoal, que o levou de menino pobre, imerso no sistema fabril húngaro, até os dias em que figurava como um dos mais notáveis autores da crítica à sociedade capitalista contemporânea. Mas, segundo Brotherstone, o projeto foi adiado pelo



próprio Mészáros, que via urgência maior em completar os três volumes de *Beyond Leviathan: critique of the State*, projeto que não pôde concluir em razão de implicações de um grave acidente vascular cerebral. “A entrevista nunca acontecerá!”, lamenta Terry Brotherstone (2018, p. 328).

Do pouco que temos disponível, sabe-se que o menino Mészáros era filho de uma família pobre e que desenvolveu, ainda na infância, diversas atividades profissionais na condição de operário em indústrias de avião de carga, tipografia e no setor têxtil. Como foi criado pela mãe — operária na Standard Radio Company —, István precisou alterar a documentação pessoal para ser aceito no trabalho da fábrica. Em consequência disso, seu registro de nascimento foi modificado, passando de 12 para 16 anos. Na época, sem proventos suficientes para suprir uma educação mais sólida, Mészáros desenvolveu os estudos básicos em escola pública, na qual obteve uma importante concepção acerca da educação e do sistema reprodutivista que permeava a sociedade (OBITUARY..., 2017).

A trajetória de vida de István impactou, invariavelmente, a construção de sua obra. A mudança no registro de nascimento possibilitou-lhe receber uma remuneração maior do que a de sua mãe, fato que selaria seu compromisso intelectual com a igualdade de gênero, como relata Brotherstone (2018, p. 329). Logo o então adolescente começou a perceber como as desigualdades imperantes na sociedade capitalista estavam enraizadas no cotidiano do mundo do trabalho, uma percepção que lhe seria crucial na edificação de sua monumental obra de crítica ao capital e suas formas de exploração.

Mészáros narra como um momento fundante de sua compreensão da miséria humana na sociabilidade capitalista uma ocasião em que, em plena labuta fabril, seu salário foi substituído por um *brawn* (um tipo de corte frio à base da carne da cabeça de porco), cuja feitura totalmente descuidada tornava-se flagrante pela presença de pelos do animal em meio à pasta de carne. Enojado, vomitou no chão coberto pela neve e prometeu a si mesmo que sua existência seria dedicada a combater a injustiça e a desigualdade (OBITUARY..., 2017).



Faceta pouco conhecida do menino Mészáros é que ele, além de já dar mostras de que era intelectualmente talentoso no espaço escolar, era um garoto que também tinha inclinação para a arte. Conta Terry Brotherstone (2018) que, antes da decisão pela carreira acadêmica, ele foi avaliado pela Ópera Nacional Húngara e aconselhado a treinar para cantar profissionalmente pelo renomado maestro judaico-alemão Otto Klemperer, que foi diretor musical da famosa Ópera Nacional de 1947 a 1950.

Conheceu o marxismo ainda adolescente, quando encontrou em uma livraria *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* e o *Manifesto comunista*. Posteriormente, foi fortemente atraído pelos estudos de literatura húngara de György Lukács e logo estava vendendo bens pessoais para poder comprar mais livros do autor. Foi aí que decidiu que queria estudar com Lukács, então docente de estética na Universidade Eötvös, em Budapeste. E assim o fez, ao conseguir uma bolsa de estudos, matriculando-se em setembro de 1949, aos 18 anos, no curso de filosofia (BROTHERSTONE, 2018, p. 329).

Em 1951, aos 21 anos, começou a trabalhar no Instituto de Estética da Universidade de Budapeste como assistente de Georg Lukács, de quem viria a ser sucessor (OBITUARY..., 2017). A década de 1950 foi de grande produtividade para o recém-graduado, cujo convívio diário com George Lucáks, seu professor e tutor, propiciou-lhe uma visão essencial em sua formação acadêmica. Reflexo dessa produção foi o prêmio Attila József, que Mészáros angariou em 1951 em função da publicação de um minucioso ensaio a respeito da obra *Csongor és Tünde* (clássico da literatura húngara de 1830). Essa experiência foi tão significativa que permitiu ao jovem defender sua tese de doutoramento em 1954, na mesma instituição em que fez a graduação, a prestigiada Universidade de Budapeste. Sua primeira obra, denominada *Sátira e realidade: contribuição para a teoria da sátira*, foi publicada ao grande público em 1955 e tinha como base sua tese de doutoramento e os estudos efetuados em parceria com Lucáks (OBITUARY..., 2017).



István nasceu e cresceu em meio ao autoritário governo de Miklós Horthy, que proibia a existência de partidos comunistas em terras húngaras. Reflexo desses conflitos, no decorrer da década de 1950, a URSS arquitetou ataques contra a Hungria. Em meio à formação acadêmica, à experiência docente e aos conflitos políticos, István casou-se com uma italiana chamada Donatella Morisi, também professora, em 14 de fevereiro de 1956. Mas a derrota da Revolução Húngara fez com que o casal saísse às pressas do país, com poucos pertences, deixando tudo para trás, ou quase tudo, já que Mészáros levou consigo dois livros: um volume impresso sobre a estética e uma cópia de *Fausto*, de Goethe (BROTHERSTONE, 2018).

Portanto, em 1956, após adquirir experiência como escritor e docente, o filósofo exilou-se na Itália por causa da invasão soviética em repressão à Revolução Húngara, começando a lecionar em cargos de curto prazo na Universidade de Turim. Após alguns anos de docência no país, István mudou-se para a Inglaterra, em 1959, onde passou a atuar como professor na Universidade de Londres, até o ano 1961 (BROTHERSTONE, 2018).

A partir dessa data, mudou-se para a Escócia e desenvolveu trabalhos como docente na Universidade de St. Andrews. Passada essa fase, em 1966, retornou para a Inglaterra para trabalhar na Universidade de Sussex, instituição pública fundada em 1961, em Brighton. Nesse contexto, em função da notável trajetória acadêmica, apenas duas décadas após ganhar o Attila József, Mészáros voltou a ser laureado com prêmios significativos, como o Isaac Deutscher Memorial (pela obra *Marx's theory of alienation*), na edição de 1970 (THE DEUTSCHER MEMORIAL PRIZE, s. d., p. 20).

Após esse período, em 1971, István foi para a América, onde trabalhou por um curto espaço de tempo na Universidade Autônoma do México. Em 1972, mudou-se para o Canadá e ingressou como docente do curso de ciências sociais da Universidade de York, em Toronto. No ano 1977, de volta à Universidade de Sussex, empreendeu uma respeitável carreira acadêmica e galgou o título de professor emérito, em 1991, pela mesma instituição. Com reconhecimento e



prestígio, em 1995 foi laureado com uma cadeira na Academia Húngara de Ciências. Mészáros consagrava-se, assim, como um dos pilares da filosofia marxista em fins do século XX (THE DEUTSCHER MEMORIAL PRIZE, s. d.).

Como citado, o convívio com Georg Lukács foi primordial para a solidificação intelectual de Mészáros. Sobre esse aspecto, convém salientar o diálogo estabelecido entre os dois estudiosos. Como aluno e colaborador de Lukács, foi possível o amadurecimento de ideias basilares para a construção de sua teoria filosófica. No decorrer de sua produção, Mészáros deixa muito claro o quanto há de elementos extraídos das obras de Lukács em seus estudos. Em entrevista para Judith Orr e Patrick Ward, sintetizou muito bem essa sua vivência do grande autor de *Ontologia do ser social*:

I worked with Lukács for seven years before I left Hungary in 1956 and we remained very close friends until he died in 1971. We always saw eye to eye — that's why I wanted to study with him. It so happened that when I arrived to work with him he was being attacked very fiercely and openly in public. I could not stomach that and defended him, which led to all sorts of complications. Just as I left Hungary I was his designated successor at the university, teaching aesthetics. The reason I left was precisely because I was convinced that what was going on was a variety of very fundamental problems which that system could not resolve¹ (A STRUCTURAL CRISIS..., 2009).

Resultado de toda essa trajetória, círculos de convivência e experiências pessoais, laborais e intelectuais, sua principal realização acadêmica foi publicada em 1995, *Beyond capital: toward a theory of transition* (*Para além do capital: para uma teoria da transição*, na tradução brasileira). Nesse verdadeiro *tour de force* contra o capital, Mészáros aplicou os fundamentos das ideias e dos métodos de Marx para além de suas determinações do século XIX, atualizando-os a fim de elucidar as profundas crises estruturais das últimas décadas do século XX.

Como se vê, Mészáros figura entre os grandes pensadores marxistas do século XX, com obras permeadas por profunda erudição no que concerne aos campos da filosofia, teoria social e economia. O conjunto de sua obra é marcado pela criticidade e originalidade, tornando-o um teórico singular na tradição



marxista. O catálogo de suas obras, publicadas em vários continentes, sublinhe-se, mostra um intelectual incansável em sua missão de interpretar a realidade atual com o objetivo de superá-la pela ação dos agentes históricos.

Em ordem cronológica, seus principais escritos, espalhados em publicações de diferentes países, são: *Attila József e l'arte moderna* (1964); *Marx's theory of alienation* (1970); *Aspects of history and class consciousness* (1971); *The necessity of social control* (1971); *Lukács concept of dialectic* (1972); *Neo-colonial identity an counter-consciousness* (1978); *The Workof Sartre* (1979); *Philosophy, ideology and social science* (1986); *The power of ideology* (1989); *Beyond capital* (1995); *Socialism or barbarism* (2001); *Educação para além do capital* (2005); *The challenge and burden of historical time* (2008); *The structural crisis of capital* (2009); *Historical actuality of the socialist offensive* (2009); *Social structure and forms of consciousness* (volume I, em 2010, e volume II, em 2011).

Em relação às obras publicadas no Brasil, as primeiras foram: *Marx: a teoria da alienação* (Editora Zahar, 1979); *A necessidade do controle social* (Editora Ensaio, 1987); e *Filosofia, ideologia e ciência social* (Editora Ensaio, 1993). A Editora Boitempo foi a maior interlocutora de Mészáros em edições brasileiras, fazendo um trabalho inestimável de socialização e cuidadosa tradução de obras essenciais desse autor, como: *Para além do capital* (2002); *O poder da ideologia* (2004); *O século XXI: socialismo ou barbárie?* (2004); *A educação para além do capital* (2005); *Teoria da alienação em Marx* (2006); *O desafio e o fardo do tempo histórico* (2007); *Filosofia, ideologia e ciência social* (2008); *A crise estrutural do capital* (2009); *Atualidade histórica da ofensiva socialista* (2010); *Estrutura social e formas de consciência*, em dois volumes (2010 e 2011, respectivamente); *A obra de Sartre* (2012); *O conceito de dialética em Lukács* (2013); e *A montanha que devemos conquistar* (2014).

Em 2006, o autor recebeu o título de pesquisador emérito da Academia de Ciências Cubana em função da obra *Teoria da alienação em Marx*. No plano pessoal, em 2007 o autor perdeu a companheira de longa data, Donatella Morisi, um acontecimento que lhe foi muito impactante em termos emocionais. Contudo,



em homenagem à sua memória, continuou seu trabalho de estudos e publicações, com o amparo afetivo dos filhos, Laura, Susie e George, e dos três netos.

Em 2008, foi laureado com o prêmio Libertador de Pensamento Crítico, concedido pelo Ministério da Cultura da Venezuela.² Embora István Mészáros emprestasse um apoio crítico a Chávez — pelo qual foi duramente julgado por representantes da esquerda europeia naquele contexto —, a política deste, bem como seu plano econômico, era baseada abertamente em suas obras.

Além do clássico *Para além do capital*, pode-se afirmar que elementos-chave do pensamento de Mészáros aparecem mais sucintamente em livros como *Socialismo ou barbárie?*, *A crise estrutural do capital* e *A necessidade do controle social*. Um dos últimos projetos do autor, a obra *Para além do Leviatã: crítica do Estado*, teria sua culminância em três volumes, mas, como já mencionado, ficou incompleta em razão de seu falecimento.

O teórico dedicou os últimos 15 anos da vida à construção dessa síntese. Como resultado desse esforço, os volumes seriam publicados, em edições brasileiras, do seguinte modo: I) *O desafio histórico*, em 2017; II) *A dura realidade*, em 2018; e III) *A alternativa necessária*, em 2019 (ocasião na qual o autor viajaria ao Brasil para participar da divulgação).³

Um detalhe muito relevante da biografia de Mészáros é sua estreita ligação com os movimentos sociais e com o universo acadêmico brasileiro. A própria obra *Educação para além do capital*, que sintetiza debates sobre a educação que estão espargidos em alguns livros do autor, é uma edição genuinamente brasileira a partir do esforço editorial da Boitempo, que, como já dissemos, é a casa editorial por excelência de Mészáros no Brasil.

A obra de Mészáros influenciou bases teóricas para a criação de diversos movimentos sociais pelo globo. Um ano antes de sua morte, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) prestou-lhe homenagem, destacando a ousadia de sua obra, seu brilhantismo e a importância de suas posturas para a



construção de uma geração militante e transformadora em todos os campos, inclusive na educação. Nas palavras de Emir Sader:

A diferença entre explicar e entender pode dar conta da diferença entre acumulação de conhecimentos e compreensão de mundo. Explicar é reproduzir o discurso midiático, entender é desalienar-se, é decifrar, antes de tudo, o mistério da mercadoria, é ir para além do capital. É essa atividade que István Mészáros chama de “contrainteriorização”, de “contraconsciência”, um processo de “transcendência positiva da autoalienação do trabalho” (SADER, 2008, p. 18).

István Mészáros morreu em Margarete, Reino Unido, no dia 1º de outubro de 2017, vitimado por uma falência múltipla de órgãos em função de um acidente vascular cerebral, deixando um legado intelectual de tal grandeza que é mesmo difícil mensurar. No tópico seguinte, procuraremos apresentar a inestimável contribuição desse intelectual húngaro para o campo da educação a partir, especialmente, do livro *Educação para além do capital (EPAC)*, destacando a atualidade de seu pensamento no contexto de crise estrutural do capital que caracteriza essas primeiras décadas do século XXI.

2 EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL: O PEQUENO GRANDE CLÁSSICO DA EDUCAÇÃO

Uma questão que se apresenta de imediato na abertura deste tópico: por que um pequeno livro de cerca de 120 páginas, escrito por um autor que no conjunto de sua obra tão pouco se dedicou à análise específica da educação, pode ser considerado um clássico dessa área? A resposta para essa indagação central exige que façamos algumas considerações acerca da sempre desafiadora categorização do que vem a ser ou não um *clássico*. Para uma das mais destacadas estudiosas do tema na atualidade, Ankhi Mukherjee (2014), a própria indagação sobre “o que é um clássico” já é, em si, uma “questão clássica” pelo que mobilizou de autores importantes, como Charles Augustin Sainte-Beuve, T. S. Eliot, J. M. Coetzee, Ezra Pound e Italo Calvino.



Entre esses, o texto mais citado é, sem dúvida, o da conferência pública intitulada *Autor clássico*, proferida por Eliot em 1944, no qual o escritor inglês defende que o *clássico* é a personificação da maturidade de um escritor, expressa pela linguagem, literatura e cultura de quem assina o escrito, daí a necessidade de uma lente histórica que permita uma análise sempre retrospectiva do autor que se está analisando (ELIOT, 1956). Já de Ítalo Calvino, cuja análise é bem conhecida, conseguimos extrair uma definição tão sucinta quanto profunda: “é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 1993, p. 15).

Essas duas definições já nos dão o assinalo necessário para fixarmos as balizas de enquadramento do livro *EPAC*, de István Mészáros, no território dos clássicos. Primeiro, porque se trata de um livro de maturidade, no qual o autor não só retoma como também aprofunda pontos específicos sobre a educação presente nos livros *Para além do capital* (2002) e *Marx: a teoria da alienação* (1981). Ou seja, o leitor de *EPAC* tem a oportunidade de acompanhar ideias sobre o horizonte educacional, em seu sentido mais amplo, que foram forjadas em nada mais, nada menos do que cinco décadas de ininterrupta e profunda indagação sobre o sociometabolismo do capital em suas mais diferentes manifestações. Assim, *EPAC* pode ser visto como um dos últimos textos de Mészáros, no qual se vê a personificação da maturidade plena de um estudioso tal como referido por Eliot.

Se olharmos pelas lentes de Calvino, igualmente encontraremos correspondência com um clássico, pois o que se vê nas páginas de *EPAC* é uma proposta educacional que coloca em tela uma educação revolucionária, sem ilusões reformistas e sem fantasias de que a esfera educacional por si só seja a instância propulsora de revolução por excelência, já que, para Mészáros, a educação deverá operar como ferramenta capaz de garantir que a superação do capital seja completa, e não parcial:



[...] tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução como para a *automudança consciente* dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente (MÉSZÁROS, 2008, p. 65).

Ora, fica evidente a incompatibilidade dessa proposta com a realidade ontoformativa do capital, pois o ordenamento capitalista, como destaca Ralph Miliband (2000), tem como uma das mais importantes teses de sustentação ideológica a ideia de que o capitalismo liberal é o ponto final da evolução social da humanidade e a forma final de governo humano, de modo que nada é mais “inatual” ou “desarrazoado” do que pensar um modo de sociabilidade que não esteja condicionado ao capital.

Mas *EPAC*, em nosso entender, é também um clássico pelo que tem de atual quando confrontado com o contexto sociopolítico global e nacional que vivemos nos últimos anos. Como bem destacou Cláudio Vouga (1998, p. 160): “A riqueza dos clássicos em suas múltiplas leituras vem não só das angústias e inquietações de cada época, de cada alteração objetiva de cada tempo, mas também de nós próprios.”

EPAC tem muito a nos dizer, pela perspectiva da educação, sobre a crise profunda que enfrentamos nessa quadra histórica, marcada, por um lado, pelo enfraquecimento das democracias liberais e pela ascensão de líderes autoritários que, em diversos países, alcançaram o poder pela via democrática (FOA; YASCHA, 2016; LOWY, 2015) e, por outro, pelo declínio dos governos de esquerda na América Latina (GONZALEZ, 2019). Também nos convida a uma reflexão profunda sobre a exaustão do capitalismo, que ganha forma, em escala mundial, no desemprego crônico estrutural, na intensificação da exploração dos trabalhadores e na degradação dos recursos naturais, que são os principais sintomas daquilo que o próprio Mézáros (2002) denomina *crise estrutural do capital*. É um livro editado em 2005, com textos escritos anos antes, mas de uma atualidade desconcertante.

Como destacam Tom Griffiths e Robert Imre (2013), em termos gerais, as ideias desse filósofo estão diretamente ligadas à corrente pedagógica chamada



pedagogia crítica, vertente que defende o ensino e a aprendizagem como uma ação que eleva a consciência crítica dos alunos sobre as desigualdades e as injustiças sociais

A novidade que há em *EPAC*, no entanto, está na possibilidade de ver um sólido arcabouço teórico-analítico sobre o tecido sociometabólico do capital, construído ao longo de décadas, ser colocado a serviço de uma análise das possibilidades emancipatórias da educação sob as condições do capitalismo. Podemos dizer, dessa maneira, que o livro *EPAC* é um vértice que conjuga o pensamento sistêmico de Mészáros sobre o capital com sua compreensão do papel da educação na superação e no estabelecimento de uma sociabilidade pós-capital.

Dito em outros termos, o objetivo principal de Mészáros é entender a contribuição da própria educação, no bojo das limitações intrínsecas do capital, como elemento importante na fundamentação de uma metaperspectiva que aponte para uma superação do modo de sociabilidade vigente que seja concretamente viável, e não apenas amparado na negação pela negação do capital. Ou, em suas próprias palavras: “uma educação capaz de moldar uma alternativa abrangente concretamente sustentável ao que já existe” (MÉSZÁROS, 2008, p. 56). Não é pouco, como se vê.

Assim, o primeiro e importante destaque para quem quer compreender a visão de Mészáros sintetizada em *EPAC* é que, para ele, a educação não se limita à instrução formal dos sistemas de ensino em sentido restrito. Ao contrário, seu olhar sobre a educação no mapa da sociabilidade contemporânea tem latitudes bem amplas, que alcançam o indivíduo em sua totalidade formativa, ou seja, é uma acepção não só de educação para a vida, mas como algo essencial na formação mesma do indivíduo como ser social, que, conhecendo, torna-se consciente das múltiplas configurações e dimensões do mundo no qual está inserido e capaz, por isso mesmo, de transformar a realidade em benefício da coletividade. O problema identificado por Mészáros é que os sistemas formais de



ensino, no modo como são estruturados, operam como grandes centros de *internalização* da lógica do capital. Nos termos do autor:

De fato, da maneira como estão as coisas hoje, a principal função da educação formal é agir como um cão de guarda *ex-officio* e *autoritário* para induzir um conformismo generalizado em determinados modos de *internalização*, de forma a subordiná-los às exigências da ordem estabelecida (MÉSZÁROS, 2008, p. 55).

Desse entendimento emerge uma das principais propostas de nosso autor sobre o que ele entende por uma educação plena, que nada mais é do que uma educação para toda a vida, um modo de educar que seja capaz de produzir uma *contrainternalização* coerente e sustentada diante do catastrófico modo de estruturação da vida social imposta pelo capital. É interessante notar que o modo holístico de Mézáros analisar os fenômenos sociais no todo sistêmico do capital não deixa brecha para qualquer forma de atomização. Daí o porquê de em *EPAC* sobressair uma noção bem abrangente do funcionamento das instituições educacionais formais, sempre vistas, pelo autor, como integradas à totalidade dos processos sociais, já que, por questões lógicas, elas nem sequer podem funcionar se não estiverem em sintonia com o que Mézáros identifica como as “*determinações educacionais gerais da sociedade como um todo*” (MÉSZÁROS, 2008, p. 43).

É essa mesma visão sistêmica que faz com que o autor de *EPAC*, mesmo tratando especificamente da educação, evite qualquer forma de standardização do campo educacional, seja como força de sustentação ideológica “primária” do capital, seja como instância que, por si só, será capaz de fornecer uma alternativa emancipadora. Mas que se entenda bem isto: se a educação, unitariamente, não é o sustentáculo do capital nem poderá superá-lo, ela se apresenta como peça-chave tanto no processo de reprodução desse sistema, que depende da “alienação desumanizante” da “subversão fetichista do real estado de coisas”, quanto na elaboração de um futuro pautado por uma sociabilidade capaz de sobrepujar o



modo de vida preso às amarras da trindade *capital, trabalho e Estado*. Por isso mesmo, o autor argumenta:

Esperar da sociedade mercantilizada uma sanção ativa — ou mesmo mera tolerância — de um mandato que estimule as instituições de educação formal a abraçar plenamente a grande tarefa histórica do nosso tempo, ou seja, a tarefa de romper com a lógica do capital no interesse da sobrevivência humana, seria um milagre monumental. É por isso que, também no âmbito educacional, as soluções “não podem ser formais; elas devem ser essenciais”. Em outras palavras, eles devem abarcar a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida (MÉSZÁROS, 2008, p. 45).

Como não poderia ser diferente, em se tratando de um pensador com as características de Mézáros, não há espaço para qualquer forma de determinismo, essencialização ou absolutização da ordem vigente, pois, ao mesmo tempo que encontramos em *EPAC* um reconhecimento de que os sistemas de ensino funcionam sob a batuta de uma sociedade mercantilizada das raízes às copas, deixando estreitíssimas válvulas de escape, também nos deparamos com uma visão entusiasmada, que enxerga nas escassas frestas existentes espaços que devem ser maximizados pelas forças sociais a partir dos conflitos e das contradições indissociáveis do modo como a sociedade contemporânea estrutura-se sob as forças ativas e poderosas do capital. Esse argumento mostra-se bem sintetizado no trecho a seguir:

[...] a dinâmica da história não é uma força externa misteriosa qualquer e sim uma intervenção de uma enorme multiplicidade de seres humanos no processo histórico real, na linha da “manutenção e/ou mudança” — num período relativamente estático, muito mais de “manutenção” do que de “mudança”, ou vice-versa[,] no momento em que houver uma grande elevação na intensidade de confrontos hegemônicos e antagônicos — de uma dada concepção do mundo que, por conseguinte, atrasará ou apressará a chegada de uma mudança social significativa. Isso coloca em perspectiva as reivindicações elitistas de políticos automeados e educadores. Pois eles não podem mudar a seu bel-prazer a “concepção de mundo” da sua época, por mais que queiram fazê-lo, e por mais gigantesco que possa ser o aparelho de propaganda à sua disposição. Um processo coletivo inevitável, de proporções elementares, não pode ser expropriado definitivamente, mesmo pelos mais espertos e generosamente financiados agentes políticos e intelectuais. Não fosse por esse inconveniente “fato brutal”, posto tão em evidência por Gramsci, o domínio da educação



institucional formal e estreita poderia reinar para sempre em favor do capital (MÉSZÁROS, 2008, p. 45).

A compreensão, tão fundamental no edifício teórico-crítico de István Mészáros, de que o capital, como totalidade reguladora sistêmica, é irreformável não permite que o leitor de *EPAC* encontre soluções definitivas para a educação na vigência da sociedade mercantilizada. É exatamente por isso, como esclarecem Tom Griffiths e Robert Imre (2013), que, para Mészáros, toda abordagem de políticas educacionais não pode perder de vista as condições básicas de desenvolvimento das sociedades no interior do capitalismo global, isso porque, para o filósofo húngaro, todas as utopias educacionais, por mais nobres que possam parecer, estarão sempre limitadas ao modo de reprodução sociometabólico do capital.

A crítica categórica às perspectivas reformistas educacionais *intracapital* é mais um ponto fundamental, em nosso entender, que torna esse pequeno livro uma referência atualíssima, pois, neste momento em que vivenciamos um estágio crítico do capitalismo em sua versão brutalmente financeirizada e improdutiva (HASKEL; WESTLAKE, 2018), comandada pelo ideário neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016), não podemos nos conformar como um modelo de educação reprodutivista, que pense o indivíduo nas limitadas raias do mercado de trabalho. Sobre isso, afirma Mészáros (2008, p. 27): “limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa”.

Sempre muito preocupado com uma práxis direcionada à superação do capital, István Mészáros destaca alguns dos limites estruturais de nosso tempo que animam uma visão futura de sociedade *para além do capital*. Diz o filósofo:

Vivemos numa ordem social na qual mesmo os requisitos mínimos para a satisfação humana são insensivelmente negados à esmagadora maioria da humanidade, enquanto os índices de desperdício assumiram proporções escandalosas, em conformidade com a mudança da reivindicada



destruição produtiva, do capitalismo no passado, para a realidade, hoje predominante, da produção destrutiva (MÉSZÁROS, 2008, p. 73).

A educação, sempre entendida em sua mais ampla dimensão, mesmo que não possa ter êxito em si mesma no estabelecimento de uma *conformidade universal*, tem uma função histórica de grande peso no que o autor caracteriza como *reestruturação radical* da sociedade, que outra não é senão: “desafiar as formas atualmente dominantes de internalização fortemente consolidadas a favor do capital pelo próprio sistema educacional formal” (MÉSZÁROS, 2008, p. 55). Essa confrontação é descrita como urgente pelo autor de *EPAC* justamente pela forçosa tarefa de estabelecer uma “*contrainternalização* coerente e sustentada”, e deve-se dar atenção aos adjetivos *coerente* e *sustentada*, porque, para MéSZáros, o encargo histórico a ser enfrentado na contemporaneidade é “incomensuravelmente” maior que a pura “negação do capitalismo” (MÉSZÁROS, 2008, p. 61), já que ele entende o conceito de *para além do capital* como algo “concreto”, que tem como horizonte uma ordem social metabólica capaz de se sustentar concretamente, “sem nenhuma necessidade de referência autojustificativa para os males do capitalismo” (MÉSZÁROS, 2008, p. 62).

Esse é um desafio que não encontra paralelo na história, segundo o autor de *EPAC*, pois seu foco não está assentado sobre qualquer modalidade de reformismo gradual que tem como referência “defeitos específicos” do sistema. Trata-se, isso sim, de um processo de “reestruturação radical” da sociedade, concretizado por uma reforma estrutural e abrangente do sistema, dirá MéSZáros. E é aí que se releva, em retrato de viva cor, a função estratégica da educação na força conjunta que deverá levar a esse passo histórico tão decisivo:

[...] o papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a automudança consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente (MÉSZÁROS, 2008, p. 65).



Muitos outros ensinamentos e reflexões podem ser hauridos das páginas de *EPAC*, sobretudo neste momento político que vivemos em nosso país, marcado pela escalada neoliberal e por uma agenda autoritária e reacionária que se instalou no Estado nas últimas eleições. O espaço deste texto é absolutamente incompatível com as possibilidades analíticas abertas por esse livro, de modo que nos achamos impossibilitados de fazer justiça à complexidade e à profundidade do pensamento desse autor.

Dentro daquilo que se propunha o texto, pudemos apenas tangenciar por alto algumas das ideias desse grande autor sobre a educação, que devem, a nosso ver, ser objeto de estudos acadêmicos sistematizados no âmbito de pós-graduações e grupos de estudo.

O mais importante, contudo, nos encaminhamentos conclusivos deste artigo é destacar que as ideias de István Mészáros, diante de um contexto de aguda crise estrutural do capital, com consequências muito específicas em um país periférico como o nosso — em termos de desigualdade social, ameaça ambiental, precarização do trabalho, recrudescimento do reacionarismo etc. —, são um porto seguro às esperanças que se acham à deriva no oceano do esmorecimento. A nossos educadores e educadoras, essa perspectiva de ação, pela via da compreensão da realidade que nos cerca, tão bem delineada por Mészáros em seu *EPAC*, parece-nos de fundamental importância, pois com ele aprendemos que:

[...] não há motivo para esperar a chegada de um “período favorável”, num futuro indefinido. Um avanço pelas sendas de uma abordagem à educação e à aprendizagem qualitativamente diferente pode e deve começar “aqui e agora”, tal como indicado antes, se quisermos efetivar as mudanças necessárias no momento oportuno (MÉSZÁROS, 2008, p. 67).

Terry Brotherstone (2018), nas palavras finais do já mencionado texto-tributo a István Mészáros, afirmou que o grande filósofo marxista húngaro viveu e morreu um socialista inflexível, que desde cedo comprometeu-se com a luta contra a injustiça e por aquilo que ele denominava um “metabolismo social”,



que estivesse baseado na “igualdade substantiva” na qual, como defendia Marx, os seres humanos pudessem viver e trabalhar em condições dignas e apropriadas à sua natureza humana.

Certamente, seu esforço de vida não foi em vão, pois, enquanto houver exploração do homem pelo homem, enquanto as relações sociais forem pautadas pelo capital e pela mercantilização de todas as dimensões da vida, o pensamento de Mészáros será uma coluna de resistência e de apoio aos que aspiram a um novo modelo de sociedade. Nesse processo, suas ideias sobre a educação serão uma bússola que, imantada pela crítica devastadora às mitificações do mercado, apontará o caminho para a emancipação humana, que só será plenamente possível em uma realidade para além do capital.

REFERÊNCIAS

A STRUCTURAL crisis of the system: interview with István Mészáros. **MRonline**, 17 jan. 2009. Disponível em: <https://mronline.org/2009/01/17/a-structural-crisis-of-the-system-interview-with-istvan-meszaros/>. Acesso em: 2 jul. 2019.

BROTHERSTONE, Terry. A tribute to István Mészáros (1930-2017). **Critique**, v. 46, n. 2, p. 327-337, 2018.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

ELIOT, Thomas Stearns. **“What is a classic?”**: on poetry and poets. Londres: Faber and Faber Ltd., 1956.

FOA, Roberto Stefan; YASCHA, Mounk. The danger of deconsolidation: the democratic disconnect. **Journal of Democracy**, n. 3, p. 5-17, 2016.

GONZALEZ, Mike. **The ebb of the pink tide**: the decline of the left in Latin America. Londres: Pluto Press, 2019.

GRIFFITHS, Tom G.; IMRE, Robert. **Mass education, global capital, and the world**: the theoretical lenses of István Mészáros and Immanuel Wallerstein. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013.



HASKEL, Jonathan; WESTLAKE, Stian. **Capitalism without capital**: the rise of the intangible economy. Princeton: Princeton University Press, 2018.

JINKINGS, Ivana. Apresentação. In: MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

LOWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 124, p. 652-664, dez. 2015.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Ed. da Unicamp/Boitempo, 2002.

MILIBAND, Ralph. **Socialismo & ceticismo**. Bauru: Edusc; São Paulo: Edunesp, 2000.

MUKHERJEE, Ankhi. **What is a classic?**: postcolonial rewriting and invention of the canon. Stanford, CA: Stanford University Press, 2014.

OBITUARY: István Mészáros, hungarian marxist political philosopher who taught at St Andrews. **MOnline**, 25 nov. 2017. Disponível em: <https://mronline.org/2017/11/25/obituary-istvan-meszáros-hungarian-marxist-political-philosopher-who-taught-at-st-andrews/>. Acesso em: 30 jun. 2019.

SADER, Emir. Prefácio. In: MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

THE DEUTSCHER MEMORIAL PRIZE. Disponível em: <http://www.deutscherprize.org.uk/wp/past-recipients/>. Acesso em 11 jul. 2019.

VOUGA, Cláudio. A leitura dos clássicos. In: QUIRINO, Célia Galvão; VOUGA, Cláudio; BRANDÃO, Gildo Marçal. **Clássicos do pensamento político**. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1998. p. 13-22.

¹ “Eu trabalhei com Lukács por sete anos antes que eu deixasse a Hungria em 1956, e nós permanecemos amigos muito próximos até sua morte em 1971. Nós sempre concordávamos – por isso eu queria estudar com ele. Aconteceu que quando eu cheguei para trabalhar com ele, ele estava sendo atacado em público muito intensamente e abertamente. Eu não podia aceitar aquilo e defendia-o, o que levava a todo tipo de complicações. Assim que eu deixei a Hungria, fui seu substituto na universidade, ensinando Estética. A razão de minha partida foi precisamente porque eu estava convencido que o que estava acontecendo era uma variedade de problemas muito fundamentais que aquele sistema não poderia resolver.” (tradução nossa).



² O prêmio Libertador al Pensamiento Crítico acontece na Venezuela desde 2005, data de sua primeira edição. A referida premiação homenageia intelectuais provenientes de vários países que atuam no campo das ciências sociais e humanas. São produções caracterizadas essencialmente pela crítica ao pensamento hegemônico capitalista e às relações socioeconômicas contemporâneas. István foi laureado por sua obra *El socialismo del siglo XXI* na terceira edição do evento.

³ Conforme divulgado pela Editora Boitempo em 18 de novembro de 2016.

Recebido em: 29-09-2019

Aceito em: 07-12-2019

